

# ALBUM

Director, **ARTHUR AZEVEDO.**

Agente geral, **PAULA NEY.**

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24\$000 por série de 52 numeros, e de 12\$000 por série de 28 numeros. Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO : RUA DOS OURIVES N. 7

## SUMMARIO

ISMENIA DOS SANTOS . . .	A. A.
CHRONICA FLUMINENSE . . .	A.
GENUFLEXA . . .	Alberto de Oliveira.
VERDADES . . .	Cosimo.
UMA CARTA . . . . .	A.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO . . . . .	Alfredo Bastos.
PRIMAVERA . . . . .	Olavo Bilac.
THEATROS . . . . .	X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico de

**JOÃO LOPES**

## AOS NOSSOS ASSIGNANTES

O *Album*, sob pena de inutilisar as suas magnificas phototypias, não pôde ser remetido, numero por numero, pelo Correio. Ao mesmo tempo lutamos extraordinariamente com a falta de bons entregadores. Por consequencia, muitos dos nossos assignantes se queixam, com razão, de não haver recebido nem o primeiro nem o segundo numero.

Rogamos-lhes encarecidamente que nos relevem essas irregularidades, inherentes ao inicio de toda a empresa d'este genero. Os Srs. Lombaerts & C. (rua dos Ourives n. 7) attendem a qualquer reclamação que lhes fôr dirigida, emquanto não inauguramos um serviço regular de expedição e de entrega.

## . ISMENIA DOS SANTOS

O *Album* prometteu dar hoje o retrato e o esboço biographico de Ismenia dos Santos, mas os nossos leitores contentam-se com o retrato, não é assim?

A toda e qualquer senhora que passou dos trinta annos é impertinencia e grosseria perguntar a idade.

Ora, o esboço biographico teria naturalmente que principiar por ahi, e nós por coisa nenhuma seriamos impertinentes e grosseiros.

Demais, as mulheres — principalmente as actrices — têm a idade que parecem ter. Ismenia têm tido todas, conforme os seus personagens; ainda ultimamente, vendo-a representar um dos seus ultimos papeis, demos-lhe vinte e tres annos. Acham pouco? Pois bem, vinte e cinco, e não fallemos mais nisto.

\*

Demais, que interesse poderiam ter as datas com que enchessemos esta noticia? Para a Arte, Ismenia nasceu no theatro S. Luiz, transformado hoje em casa de bilhares, e cresceu e fez-se gente ao lado de Furtado Coelho, seu amigo e seu mestre.

Data d'ahi o prestigio que foi adquirindo sobre o publico, prestigio que não fez senão augmentar com os annos e com o estudo.

Teve ella a sua phase gloriosa, e durante muito tempo caminhou de triumpho em triumpho; se hoje vive afastada do theatro, não é que se extinguisse n'ella o fogo sagrado da Arte, não é que o seu talento sossobrasse; retrahio-se diante da indifferença que o publico ha muito tempo revela por qualquer tentativa verdadeiramente artistica. Não é uma vencida: é simplesmente uma resignada.

Se hoje esse Lazaro, o theatro, encontrasse um Christo que lhe dissesse: *Surge et ambula!* ella ahi estava com todo o seu impeto, com todo o seu entusiasmo, com todo o seu talento de outr'ora.

\*

Seria longa a enumeração, mesmo incompleta, dos papeis brilhantemente desempenhados por Is-

menia dos Santos durante o seu longo tirocinio artistico. Lembraremos apenas dous, que ella se atreveu a interpretar depois da Ristori, e nos quaes — digamol-o para honra sua — alcançou extraordinario *successo*, conseguindo impressionar profundamente o publico: *Soror Theresa* e *Maria Antonietta*.

Como actriz, poucas vezes cedeu ao máo gosto do publico, e como empregaria, se hoje explora o trololó, para empregar aqui o pittoresco vocabulo inventado pelo defunto Galvão, manteve, em compensação, no theatro S. Luiz, uma companhia dramatica de primeira ordem, que exhibio magnificos dramas francezes, criteriosamente escolhidos. Foi n'esse tempo que ella representou a *Doída de Montmayour*, as *Duas orphans*, a *Roubadora de crianças*, a *Madona das rosas* e outras peças de muita aceitação.

Quando tratou de organizar uma companhia para o theatro Variedades, quiz Ismenia fazer reviver esses bons tempos. e cercou-se de artistas dramaticos da ordem de Guilherme de Aguiar, Arêas, Medeiros, etc. Escolheu um drama que offerecia larga margem ao talento d'esses artistas, e em que ella sobressahia admiravelmente, a *Meia Noite*... Fez depois uma *réprise* do *Filho de Coralía*, comedia em que tem um dos seus melhores papeis... Mas todos os seus bons desejos naufragaram de encontro ao medonho escolho da indifferença do publico, e ella, então, recolhendo-se aos bastidores e fazendo-se substituir por Leonor Rivero, transformou a indole do seu theatro, e enriqueceu, pondo em scena a *Mimi Bilontra*, o *Frei Satanaz* e outras victoriosas pachuchadas, que lhe dão nauseas.

\*

Em toda a sua existencia artistica Ismenia só fez uma coisa má: foi ter engordado como engordou. Se apparecesse o alludido Lazaro, ella já não seria o anjo da meia noite, mas, em compensação, daria ainda uma esplendida Coralía; não representaria os papeis de Jeanne Hading, mas representaria os de Marie Laurent, e seria admiravel, e ouviria de novo os applausos e as acclamações que a exaltaram e fortaleceram, até que o desanimo lhe fez trocar o camarim da actriz pelo escriptorio da empregaria.

A.

## CHRONICA FLUMINENSE

O Sr. Sebastião Pinho foi para a rua.

A mesmissima coisa — ir para a rua — pretende o modesto e utilissimo servidor do povo, conhecido pelo nome de *engraxate*<sup>1</sup>. Conseguil-o-ha? Duvido...

Entretanto, de todos os impedimentos do transitio publico, é o engraxate o menos inoffensivo. O menos inoffensivo e o mais util. Prefiro o engraxate ao kiosque. Se pudesse, advogava a sua causa. E não seria muito estender a mão a quem tantas vezes me pegou no pé... Infelizmente não tenho relações com a Intendencia Municipal.

\*

Esta douta corporação transferio em 1892 o Carnaval para Junho; mas como em 1893 a Natureza parece disposta a dar-nos Junho em Fevereiro, acontece ao Carnaval o mesmo que ao Sr. Pinho: vae para a rua.

O Carnaval é mais feliz que o engraxate.

\*

Uma nota litteraria: o apparecimento da *Familia Medeiros*, romance de D. Julia Lopes de Almeida.

Outra: a publicação da *Folha azul*, de Heitor Guimarães.

Ainda não vi o periodico. Percorri apressadamente algumas paginas do romance. Pareceu-me bem escripto, bem observado, e com a grande e singular qualidade de ser genuinamente nacional.

Julia Lopes de Almeida é hoje, talvez, a primeira das nossas prosadoras. O seu livro merece toda a attenção, e o *Album* se occupará delle n'um artigo especial. Faço aqui uma simples referencia, sem a qual a minha chronica seria incompleta.

\*

A publicação de um romance brasileiro, apezar de ser um facto bastante anormal, é menos admiravel que a importação de carne fresca do estrangeiro.

Nada, entretanto, me admira, porque decididamente estamos na epoca das coisas mais espantosas que ainda se viram.

Quem ha quatro annos disse que o Banco do Brasil havia de fazer fusão com outro estabelecido

<sup>1</sup> O vocabulo *engraxate* não tem autoridade classica, mas ha de figurar nos futuros dictionarios do idioma luzo-brasileiro.

mento de credito, ainda por nascer, passaria por doido. E' o mesmo que se disseram hoje que d'aqui a tempos o *Jornal do Commercio* fará fusão com o *Album*.

Entretanto, o Banco do Brasil e o da Republica fundiram-se.

\*

Tambem por doido passaria quem previsse em Gaspar da Silva — no nosso Gaspar da Silva — o futuro visconde de S. Boaventura.

Pobre rapaz! intelligente, robusto, cheio de vida, trinta e sete annos apenas... e já visconde, e, o que é mais triste, visconde sem se saber por que, visconde pela unica razão de que o não era.

Inche como um pavão, Sr. visconde de S. Boaventura, e mire-se vaidoso no ouro — ou no *plaqué* — da sua corôa; mas o que sua magestade o Sr. D. Carlos I não poderá fazer, por mais titulos com que pretenda desfigurar a pessoa de V Ex., é apagar do meu espirito a lembrança d'aquelle affectuoso Gaspar, d'aquelle doce bohemio, que tantas vezes dividio commigo o pandeló das suas alegrias e a brôa dos seus dissabores.

Emfim, o caso poderia ter sido mais funesto... Imaginem se o despachassem conde! Dos males o menor.

\*

Entretanto, a desgraça succedida a Gaspar da Silva, conde de S. Boaventura, não me impressionou tão dolorosamente como o desastre de que foi victima João Ribeiro, o reputado philologo, o inspirado poeta, o espirituoso chronista, que é uma das glorias da nossa geração litteraria.

João Ribeiro está arriscado a perder um dos olhos, brutalmente ferido por um desses terriveis conductores de « carrocinhas de mão », mais brutos que os proprios irrationaes que elles substituem.

Faço ardentes votos para ver o meu illustre collega e amigo brevemente restituído á vida activa e laboriosa que o engrandeceu.

\*

Agora um conto:

A coisa passou-se na minha terra, no meu saudoso Maranhão, durante um banquete de casamento. O padrinho da noiva era um sujeito inculto, muifo asneirão, mettido a poeta. A' sobremesa

convidaram-n'o a brindar os noivos, e elle, erguendo-se de taça em punho, exclamou :

Todo aquelle cujo este  
Que procura se casá,  
Pensa que adienta, atraza  
Quando vae buscá muié...

E foi por diante o desalmado, dizendo mal do *conjungo-vobis*, com grande escandalo de toda a mesa e desespero dos noivos.

\*

O Sr. Dr. Erico Coelho, com o apocalypticó discurso que proferio na cerimonia da collacção do gráo aos doutorandos de 1892, fez-me lembrar esse infeliz poeta de sobremesa.

Os seus discipulos investiram-n'o gostosamente das funcções de paranympo, e elle teve o máo gosto de pôr luto e ir para a tribuna dizer aos afilhados que os seus diplomas scientificos haviam de baixar mais tarde como os papeis da Bolsa, e que elles, os rapazes, sentiriam os effeitos da carestia geral, e comeriam o pão que o diabo amassou !

Ora adeus ! o ser medico, pelo menos no Rio de Janeiro, ainda é e será uma profissão rendosa, a menos que o estado sanitario da cidade em todos os verões futuros seja tão satisfatorio como no presente. Satisfatorio, entenda-se, para quem não fôr medico, nem boticario, nem padre, nem empresario de carros funebres, como o Sr. de H., que, segundo me consta, já fez voto de não beber champagne emquanto não apparecer ahi um caso de febre amarella.

\*

A congregação da Faculdade de Medicina protestou solememente, em publico e raso, contra a pilheria do Sr. Dr. Erico, e resolveu que d'aqui por diante o discurso official da collacção do gráo não será pronunciado por um paranympo mas por um lente eleito pelos seus collegas. E' de esperar que estes elejam um orador de menos chalaça.

\*

Veja ao que se expoz o Sr. Dr. Erico ! E a congregação, creia, não foi a unica a protestar: no dia da cerimonia tão ridiculisada no discurso, dous individuos sabiam da Escola, e dizia um para o outro:

menia dos Santos durante o seu longo tirocinio artistico. Lembraremos apenas dous, que ella se atreveu a interpretar depois da Ristori, e nos quaes — digamol-o para honra sua — alcançou extraordinario *successo*, conseguindo impressionar profundamente o publico: *Soror Theresa e Maria Antonietta*.

Como actriz, poucas vezes cedeu ao máo gosto do publico, e como empregaria, se hoje explora o trololó, para empregar aqui o pittoresco vocabulo inventado pelo defunto Galvão, manteve, em compensação, no theatro S. Luiz, uma companhia dramatica de primeira ordem, que exhibio magnificos dramas francezes, criteriosamente escolhidos. Foi n'esse tempo que ella representou a *Doida de Montmayour*, as *Duas orphans*, a *Roubadora de crianças*, a *Mudona das rosas* e outras peças de muita acção.

Quando tratou de organizar uma companhia para o theatro Variedades, quiz Ismenia fazer reviver esses bons tempos. e cercou-se de artistas dramaticos da ordem de Guilherme de Aguiar, Arêas, Medeiros, etc. Escolheu um drama que offerecia larga margem ao talento d'esses artistas, e em que ella sobresahia admiravelmente, a *Meia Noite*... Fez depois uma *réprise* do *Filho de Coralia*, comedia em que tem um dos seus melhores papeis... Mas todos os seus bons desejos naufragaram de encontro ao medonho escolho da indifferença do publico, e ella, então, recolhendo-se aos bastidores e fazendo-se substituir por Leonor Rivero, transformou a indole do seu theatro, e enriqueceu, pondo em scena a *Mimi Bilontra*, o *Frei Satanaz* e outras victoriosas pachuchadas, que lhe dão nauseas.

\*

Em toda a sua existencia artistica Ismenia só fez uma coisa má: foi ter engordado como engordou. Se apparecesse o alludido Lazaro, ella já não seria o anjo da meia noite, mas, em compensação, daria ainda uma esplendida Coralia; não representaria os papeis de Jeanne Hading, mas representaria os de Marie Laurent, e seria admiravel, e ouviria de novo os applausos e as acclamações que a exaltaram e fortaleceram, até que o desanimo lhe fez trocar o camarim da actriz pelo escriptorio da empregaria.

A.

## CHRONICA FLUMINENSE

O Sr. Sebastião Pinho foi para a rua.

A mesmíssima coisa — ir para a rua — pretende o modesto e utilissimo servidor do povo, conhecido pelo nome de *engraxate*<sup>1</sup>. Conseguil-o-ha? Duvido...

Entretanto, de todos os impedimentos do transitio publico, é o engraxate o menos inoffensivo. O menos inoffensivo e o mais util. Prefiro o engraxate ao kiosque. Se podesse, advogava a sua causa. E não seria muito estender a mão a quem tantas vezes me pegou no pé... Infelizmente não tenho relações com a Intendencia Municipal.

\*

Esta douta corporação transferio em 1892 o Carnaval para Junho; mas como em 1893 a Natureza parece disposta a dar-nos Junho em Fevereiro, acontece ao Carnaval o mesmo que ao Sr. Pinho: vae para a rua.

O Carnaval é mais feliz que o engraxate.

\*

Uma nota litteraria: o apparecimento da *Familia Medeiros*, romance de D. Julia Lopes de Almeida.

Outra: a publicação da *Folha azul*, de Heitor Guimarães.

Ainda não vi o periodico. Percorri apressadamente algumas paginas do romance. Pareceu-me bem escripto, bem observado, e com a grande e singular qualidade de ser genuinamente nacional.

Julia Lopes de Almeida é hoje, talvez, a primeira das nossas prosadoras. O seu livro merece toda a attenção, e o *Album* se occupará d'elle n'um artigo especial. Faço aqui uma simples referencia, sem a qual a minha chronica seria incompleta.

\*

A publicação de um romance brasileiro, apezar de ser um facto bastante anormal, é menos admiravel que a importação de carne fresca do estrangeiro.

Nada, entretanto, me admira, porque decididamente estamos na epoca das coisas mais espantosas que ainda se viram.

Quem ha quatro annos dissese que o Banco do Brasil havia de fazer fusão com outro estabeleci-

<sup>1</sup> O vocabulo *engraxate* não tem autoridade classica, mas ha de figurar nos futuros dictionarios do idioma luzo-brasileiro.

mento de credito, ainda por nascer, passaria por doido. E' o mesmo que se disseram hoje que d'aqui a tempos o *Jornal do Commercio* fará fusão com o *Album*.

Entretanto, o Banco do Brasil e o da Republica fundiram-se.

\*

Tambem por doido passaria quem previsse em Gaspar da Silva — no nosso Gaspar da Silva — o futuro visconde de S. Boaventura.

Pobre rapaz! intelligente, robusto, cheio de vida, trinta e sete annos apenas... e já visconde, e, o que é mais triste, visconde sem se saber por que, visconde pela unica razão de que o não era.

Inche como um pavão, Sr. visconde de S. Boaventura, e mire-se vaidoso no ouro — ou no *plaqué* — da sua corôa; mas o que sua magestade o Sr. D. Carlos I não poderá fazer, por mais titulos com que pretenda desfigurar a pessoa de V Ex., é apagar do meu espirito a lembrança d'aquelle affectuoso Gaspar, d'aquelle doce bohemio, que tantas vezes dividio commigo o pandeló das suas alegrias e a brôa dos seus dissabores.

Emfim, o caso poderia ter sido mais funesto... Imaginem se o despachassem conde! Dos males o menor.

\*

Entretanto, a desgraça succedida a Gaspar da Silva, conde de S. Boaventura, não me impressionou tão dolorosamente como o desastre de que foi victima João Ribeiro, o reputado philologo, o inspirado poeta, o espirituoso chronista, que é uma das glorias da nossa geração litteraria.

João Ribeiro está arriscado a perder um dos olhos, brutalmente ferido por um desses terriveis conductores de « carrocinhas de mão », mais brutos que os proprios irracionaes que elles substituem.

Faço ardentes votos para ver o meu illustre collega e amigo brevemente restituído á vida activa e laboriosa que o engrandeceu.

\*

Agora um conto:

A coisa passou-se na minha terra, no meu saudoso Maranhão, durante um banquete de casamento. O padrinho da noiva era um sujeito inculto, muifo asneirão, mettido a poeta. A' sobremesa

convidaram-n'o a brindar os noivos, e elle, erguendo-se de taça em punho, exclamou :

Todo aquelle cujo este  
Que procura se casá,  
Pensa que adienta, atraza  
Quando vae buscá muié...

E foi por diante o desalmado, dizendo mal do *conjungo-vobis*, com grande escandalo de toda a mesa e desespero dos noivos.

\*

O Sr. Dr. Erico Coelho, com o apocalypticô discurso que proferio na cerimonia da collacção do gráo aos doutorandos de 1892, fez-me lembrar esse infeliz poeta de sobremesa.

Os seus discipulos investiram-n'o gostosamente das funcções de paranympo, e elle teve o máo gosto de pôr luto e ir para a tribuna dizer aos afilhados que os seus diplomas scientificos haviam de baixar mais tarde como os papeis da Bolsa, e que elles, os rapazes, sentiriam os effeitos da carestia geral, e comeriam o pão que o diabo amassou !

Ora adeus ! o ser medico, pelo menos no Rio de Janeiro, ainda é e será uma profissão rendosa, a menos que o estado sanitario da cidade em todos os verões futuros seja tão satisfatorio como no presente. Satisfatorio, entenda-se, para quem não fôr medico, nem boticario, nem padre, nem empresario de carros funebres, como o Sr. de H., que, segundo me consta, já fez voto de não beber champagne emquanto não apparecer ahi um caso de febre amarella.

\*

A congregação da Faculdade de Medicina protestou solemnemente, em publico e raso, contra a piheria do Sr. Dr. Erico, e resolveu que d'aqui por diante o discurso official da collacção do gráo não será pronunciado por um paranympo mas por um lente eleito pelos seus collegas. E' de esperar que estes elejam um orador de menos chalaça.

\*

Veja ao que se expoz o Sr. Dr. Erico ! E a congregação, creia, não foi a unica a protestar: no dia da cerimonia tão ridiculisada no discurso, dous individuos sahiam da Escola, e dizia um para o outro:

- Aquelle paranympo me parece doido !  
 — Doido, não ; tem manias...  
 — Pois bem, é um paranympo maniaco !

A. A.

---

### GENUFLEXA

NO ALBUM DA EXMA. SRA. D. ADELAIDE AMOEDO

Este livro é um altar. Ajoelha-te, minh'alma ;  
 Uma santa aqui está, fronte serena e calma,  
 Todo o bem no sorrir, no olhar toda a bondade...  
 Dê-lhe outro nome alguém, eu chamo-lhe amizade.

Seja a tua oração breve, porém sincera  
 — Aqui ha um canto azul de céu de primavera,  
 Paz, affecto, ideal, doçuras infinitas...  
 Ajoelha-te a resar, alma que em mim palpitas !

Resa. Tens de chorar os olhos teus vermelhos ?  
 Um consolo aqui está. Minh'alma, já, de joelhos !  
 A aza, de espinho mão, por tanto descaminho  
 Tens em sangue ? Aqui ha quem te arranque esse espinho.

Resa. Horrivel visão que gela e terrifica  
 — A morte — em sonho vês ? Alma, ajoelhada fica !  
 Eil-a, a vida aqui está, nem dorés ha que a vençam ;  
 Toda ella é um sorrir, sob infinita bençam.

\*

De joelhos, como está, a alma tudo esqueceu,  
 Magoas, desillusões de ideaes que vio cahidos,  
 E, abafando em si mesma o echo de seus gemidos,  
 Ouve, entrando este livro, os canticos do céu.

ALBERTO DE OLIVEIRA.

Santa Rosa (Nichteroy), Setembro de 1892.

---

### VERDADES

N'uma chronica escripta d'esta capital para o *Pharol*, de Juiz de Fôra, Valentim Magalhães traça, com tinta demasiado sombria, um quadro, infelizmente fiel, do nivel litterario da sociedade brasileira na actualidade :

« O gosto publico, que promettia desenvolver-se, diz elle, cahio n'um miseravel estado de apathia e tem decrescido sempre.

Cada vez lê-se menos, e somente obras estrangeiras, mas de autores celebres, logram aceitação e notoriedade.

Os editores, que começavam de animar-se, ou melhor, de apparecer, retrahiram-se completamente e só editam obras juridicas ou didacticas.

Os romancistas, comediographos, criticos e poetas — que muitos havia e bons ! — não tendo leitores nem, principalmente, editores, deram de mão a trabalhos litterarios, e foram tratar de outros officios, menos gloriosos, talvez, mas, de certo, muito mais alimenticios.

Com o escasseamento da producção litteraria, produzido por essas causas, occorreu simultaneamente o abatimento da imprensa, cada vez mais mercantil e politicanté.

Fechadas as portas do livro e do jornal, por qual entrar ? Como escrever ? E para que ? Sem livros, sem imprensa, sem clubs, sem salões, os escriptores vão naturalmente perdendo a coragem e a vontade de escrever, e com ollas até o geito, a maneira, o feitio.

O meio em coisas de arte é quasi tudo. »

Acha Valentim Magalhães que o anno litterario de 1892 foi no Brasil tão pobre, que seria difficil escrever-lhe o retrospecto, por falta de materia.

Lembra que, em taes condições, fôra absurdo exigir dos poucos que, por necessidade ou teimosia, escrevem ainda, que mimoseiem o seu escasso publico com primores de estylo e maravilhas de idéa. Falta-lhes tudo o que é indispensavel á creação de bellas obras ; pesa-lhes o tedio na alma e o desanimo no braço.

O auctor dos *Quadros e contos* declara que tem material para dar á estampa quatro volumes, não se animando, porém, a publicar nenhum, com receio de ver o livro esquecido em meio do mercantilismo e politicagem da imprensa e da gelida indiferença do publico.

Valentim Magalhães escreveu verdades. O brasileiro com vocação litteraria e algum talento é um infeliz que todos os dias assiste ao esboroamento da sua energia e do seu ideal. Não ha neste paiz profissão (?) mais desgraçada que a do homem de letras.

COSIMO.

---

### UMA CARTA

Por inconcebivel capricho da repartição postal, só agora me veio ter ás mãos um exemplar do n. 42 (14° anno) de *La Revue Diplomatique*, de Pariz, impresso em 15 de Outubro ultimo, o qual me foi obsequiosamente remettido de França por José Avelino.





ISMENIA DOS SANTOS





Vem ahi publicada uma carta que este meu illustre amigo dirigio de Vichy, com data de 23 de Setembro, ao Sr. Teixeira de Andrade, o campeão da convenção litteraria franco-brasileira.

\*

Começa a carta por dizer que a propriedade litteraria dos estrangeiros ha muito tempo existiria no Brasil, se o Imperador não se oppozesse obstinadamente a essa medida, e se os ministros de sua magestade não fossem senhores absolutos de camaras unanimes e de maiorias submissas e absorventes. Isso é verdade

Mas em seguida, descrevendo José Avelino o movimento litterario de nossa terra, diz coisas que não podem passar sem protesto. E' de admirar que as escrevesse um homem de tanto talento e de tanta penetração.

José de Alencar, diz elle, era pobre, mas, romancista e dramaturgo como o fecundo Jorge Ohnet (desastrada approximação!), fez do seu immortal *Guarany*, romance e libretto de opera, a base de uma fortuna que seria opulenta, se a morte o não levasse na força do genio, antes que elle realizasse as suas grandes concepções.

Quero crer que José Avelino se refira á fortuna pecuniaria de Alencar, porque a litteraria não podia ser mais consideravel nem mais brilhante. Se assim é, dirija-se o sympathico missivista ao editor Garnier, o millionario, e indague quanto recebeu o grande romancista pela publicação dos seus volumes. Ficará dolorosamente convencido de que o primeiro litterato brasileiro teria morrido á fome se vivesse exclusivamente da litteratura.

Fallando do theatro nacional, José Avelino esquece-se de Martins Penna, e cita outros escriptores cujos serviços á litteratura dramatica são puramente hypotheticos.

França Junior e Oscar Pederneiras figuram na carta como «dous homens illustres, que fizeram grandes esforços para a resurreição das lettras brasileiras.» França Junior escreveu duas boas comedias, *Direito por linhas tortas* e as *Doutoras*, além de algumas folhetins interessantes; Oscar Pederneiras, esse era um rapaz de espirito, fazedor emerito de calembours, e não pretendeu, cuidou, metter-se a redemptor quando escreveu a *Côrte em ceroulas* ou o *Bendegó*.

Entretanto, ainda mais admiravel é dizer José Avelino que França Junior e Oscar Pederneiras deixaram dous successores em Filinto de Alineida e Valentim Magalhães, quando, meu Deus! não ha espiritos nem temperamentos que menos se pareçam.

Tratando da nossa poesia, escreve José Avelino que o Sr. Barão de Paranapiacaba, traduzindo o *Jocelyn*, excedeu ao poeta francez na inspiração e melodia do verso. Admittamos, com um supremo esforço de imaginação, que alguém fizesse versos mais melodosos que os de Lamartine; mas como

diabo uma traducção póde ser mais inspirada que o respectivo original?

Dir-se-ia que o autor da carta desconhece absolutamente o poeta das *Meditações*, porque mais adiante faz do Sr. Mucio Teixeira um parnaziano... como Lamartine (Lamartine parnaziano!), e um naturalista «aux traits d'observation aussi délicats que ceux de Richepin».

Luiz Delphino, Raymundo Corrêa e Olavo Bilac, diz a carta, fazem sonetos que lembram a phase lyrica e sentimental de Alfredo de Musset, e Rozendo Muniz é a musa apaixonada do amor e da saudade...

De Luiz Murat e de outros poetas nem palavra; entretanto, Raul Pompeia, que nunca fez um verso, figura entre o *genus irritabile vatum*.

Felix Ferreira é considerado por José Avelino um paciente e ardente investigador das velhas chronicas que enriquecem as nossas bibliothecas, e...

Mas aonde nos levaria esta analyse?

A carta, escripta evidentemente «para francez ler», termina affirmando a existencia de uma *Société des gens de lettres* no Brasil, presidida pelo «Girardin brasileiro». O Girardin brasileiro é Ferreira de Araujo, que tem muito talento, muito espirito, muita competencia, mas parece-se tanto com Girardin como um ovo com um espeto.

\*

Certo sujeito contava a um amigo: — Meu pae era tão gordo, que, quando entrava na banheira, para tomar banho, a agua entornava-se por fóra até a ultima gota! — O amigo vingou-se, respondendo: — Pois o meu era tão magro, que, quando entrava na banheira, o nivel d'agua baixava!...

A *Revista Diplomatica* tambem se vingou de José Avelino, fazendo preceder a sua carta de algumas linhas em que o apresenta como «un homme d'Etat brésilien, qui a joué une rôle si actif et si prépondérant dans l'établissement des institutions républicaines de son pays».

A.

## AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

I

(Continuação)

Em zig-zag, descia os degrãos, ao centro, um tapete estreito, vistoso, de ramarias pallidas, em tom de côr elegante, procurando mais a tenuidade das tintas do que a vivacidade leonina d'esses pannos encarnados, proprios para adornar portas de uma egreja de aldeia.

Dava gosto enterrar os botins na alfombra peluda. Os passos amorteciam-se, como se o tapete representasse o papel de um grande abafador.

A escada era toda de marmore branco. Reflectia os raios que um comburente de gaz projectava do alto do patamar, por sua vez sumido na ramaria das plantas de adorno, o que é o prototypo, mal comparando, dos jardins que os antigos plantavam no interior das suas habitações. Os nardos denunciavam-se a grande distancia pelo perfume forte, ao mesmo tempo que crepitavam risos, palpitações, sonoros e como que batidos por um larynge de crystal Bacarat.

— E' um escandalo — dizia comsigo o nosso heróe — aqui como na Europa : estão tocando uma peça de concerto e andam por alli umas garças a interromper.

Os amigos esperaram que o executante terminasse o trecho musical. Aos ultimos accordes, o salão teve um movimento de alegria, de convulsão instantanea, e applaudio.

Uma senhora altiva e pachorrenta, toda entregue e dada a enlevos, apaixonada por tudo quanto lhe parecesse participar da musica, colheu, em caminho, as mãos do moço que acabava de executar *Le cri de délivrance*, de Gottschalk, e, acompanhando o gesto com um sorriso estudado de bondade, exclamou a meia voz :

— Muito bem ! Que musica !...

Um bando de moças espalhou-se pelas proximidades do grande patamar, como volateis que se houvessem escapado dentre as folhagens.

N'esse momento, os tacões dos botins dos nossos conhecidos bateram livremente o marmore.

Ouvio-se uma voz deliciosa e angelica :

— Sem cerimonia, cavalheiros !

— Quem fala? perguntou rapidamente o enamorado ao amigo.

— Carmen.

— Tem uma voz celestial !...

## II

Para um desterrado, hontem estudante na Europa e hoje restituído á patria, essa nota afinada da palavra humana, tão rara em labios de rapazes, vibrava nos de Carmen de modo arrebatador.

Os moços que por alli se achavam, abriram alas, e os nossos heróes, saudando para um e outro lado como os monarchas que passam entre a sua cõrte, acercaram-se de Carmen.

— Não sei se já se conhecem, disse um d'elles.

— Quando crianças, respondeu a moça, corando ao de leve e cravando na physionomia do compatriota um olhar profundo, que denunciava augeio e sympathia.

— N'esse caso, repitamos as apresentações, uma vez que já não são as crianças do outro tempo. Carmen, apresento-lhe o meu intimo amigo Dr. Lucio

Herrera, filho do coronel Herrera; Lucio, apresento-te Carmen, a rainha dos saráos.

— O Dr. Herrera já o conhece, é a lisonja feita homem.

— Repare que a lisonja é feminina.

— Grammaticalmente, nada mais.

— O meu amigo Carrero, disse Lucio Herrera, disse talvez a metade....

Carmen percebêra que o joven doutor ia proferir alguma galanteria e, em tempo, de prompto, cortou-lhe a palavra, convidando os dous amigos a entrarem para o salão. Iam principiar as dausas.

A moça, usando de uma familiaridade pouco vulgar na sociedade de Montevideo, impulsada, talvez, por um sentimento de vaidade, apresentou o seu companheiro de infancia aos amigos, ás amigas, á mãe e ao padrasto.

O aspecto do salão transformou-se com a presença de Lucio. Não houve olhos que não se cravassem n'elle. O padrasto de Carmen conversava a um canto da sala com o coronel Herrera. Tinha a mesma graduação militar que o amigo. Eram do tempo de Urquiza e de Rosas; haviam militado juntos.

Como cerimoniosamente sóe proceder-se na boa sociedade montevideana, todos os homens simultaneamente se ergueram, e esperaram o comprimento de Lucio Herrera e de Carrero, o seu *alter ego*. O coronel Herrera saboreava, deitando um olhar obliquo e protectivo sobre o filho, o triumpho do seu querido Lucio, o orgulho da sua velhice, a prenda unica, que lhe restava de-uma viuvez prematura. As mulheres coxixavam umas com as outras em rapidos commentarios, que em resumo diziam :

— E' um rapagão!

— E' *divino* !

— E' uma nova conquista de Carmen !

Os dous coroneis pareciam talhados pelo mesmo molde. Altos, elegantes, tinham os craneos limpos, ostentando grandes calvas luzentes e bem delineadas.

Um bigode encanecido e basto vegetava fortemente no sobrelabio e sobre elle recurvava-se, a meio, o nariz, d'onde partiam profundos vincos proprios da idade. Essas duas physionomias de militares eram graves como as dos gigantescos soldados da *Queen's Guard*. Nos olhos pequenos, porém vivos, liam-se pensamentos identicos. A estatura alta, o tronco do corpo bem formado, athletico, o ventre meio abahulado, braços longos, pesados, em cujas extremidades se escondiam, em pares de luvas pretas, as manoplas adextradas no manejo da espada, o som da voz rouquenho mas fortificado por larynges habituadas á imposição e ao mando, o meneio pausado da cabeça, a rijeza das pernas bem calçadas, o todo, emfim, dos dous militares participava da egualdade e uniformidade de character.

Eram verdadeiramente amigos.

A mais, ligava-os o mesmo credo politico, o que constitue no Rio da Prata a melhor carta de recommendação. Eram dous esteios do partido *blanco*, e gosavam de pequenas rendas.

Em quanto licenciados do serviço militar, saboreavam os editoriaes dos jornaes do seu partido, que, sem piedade, batiam a politica dos homens que se achavam no poder, pertencentes ao partido *colorado*. Aos brasileiros não perdoavam nem o auxilio prestado ao general Flores nem o bombardeio de Paysandú.

O coronel Herrera agradeceu, bastante impressionado, o elogio que lhe acabava de fazer o amigo, o coronel Alvarez Blanco, ao falar-lhe de Lucio.

O peito do velho soldado arfou, largo e recurvado, como se por ventura tivesse aspirado o orgulho universal.

Dolores, a esposa do coronel Alvarez Blanco e por consequencia mãe de Carmen, esperou um momento. Depois, com esse habito particular das senhoras de Montevideo, repetio o comprimento, voltando-se a meio corpo para Lucio Herrera :

— Então... como tem passado, cavalheiro?

Lucio respondeu com duas banalidades, n'um hespanhol não muito castiço, pois desde os sete annos achára-se na Europa onde se fôra formar em medicina.

Entretanto, as moças sorriam, perdoando e applaudindo as faltas do compatriota. Houve duas que juraram ser a linguagem de Lucio do mais puro idioma de Espronceda. Carmen foi mais franca.

— E' um bonito rapaz — disse — que fala bastante mal o hespanhol.

— O que te deve convir — atalhou uma falsa amiga.

— Porque?

— Porque d'esse modo praticarás o francez com Lucio. Como não entendemos esse idioma, ficam vocês em plena liberdade.

— Comprehando... mas ignoras por ventura que, fallando francez ou hespanhol, sou sempre incomprehensivel?

— E' que escolhes muito....

— Porque sou exigente.

— E porque és... orgulhosa.

— Da minha nullidade?

— Pelo contrario, do teu talento, do teu character, e, mais do que tudo, da tua belleza. Calemo-nos; estão olhando para ti.

Carmen voltou-se e deu com os olhos avidos da sociedade presente, que a contemplava, como que embebida n'uma adoração mystica. Depois, comprehendeu a razão d'aquella aturada observação : Lucio, sem dizer palavra, esquecia-se por momentos do logar em que se achava. Fazia de Carmen a salamandra e submettia-a ao incendio voraz dos

seus olhares, longos, filtrando ardores de sentimento profundo.

As conversas seguiram sem interrupção. Lucio contemplou o typo de Carmen, sob uma impressão suspeita. Entretanto, talvez se não enganasse muito. Commetterria, quando muito, um erro de aproximação.

Carmen vestia com extrema modestia. Um vestido sem exagerações de talho e feitio descia-lhe ao longo do corpo em ligeiras ondulações. Era côr de vinho e desenhava-lhe imprudentemente todas as curvas anteriores do busto. O collo arfava-lhe com um movimento compassado e isochrono.

Não muito comprida, a barra do vestido deixava ver os pés demasiado pequenos e aristocraticos.

Esses pesinhos batiam o tapete com impaciencia. Na apparencia, Carmen era a placidez personificada; na realidade, aquelle envolvero humano escondia uma natureza de gymnoto electrico.

O rosto era de oval plastico, o mais obediente ás regras da esthetica. As faces tufavam-se-lhe em abundancia de carnes, do que resultavam duas mimosas covinhas nas proximidades dos cantos labiaes.

A pallidez cobria aquelle rosto, indescrível, porque a belleza de Carmen não se copiava, via-se. De um a outro momento, esbatia-se-lhe a côr das faces, e passava por sobre ellas como que ligeiros vapores de nacar. Nesses instantes, vinham os sorrisos.

Carmen tinha a pudicicia infantil. Não sabia sorrir sem corar.

Os olhos, tinha-os grandes, negros, vivos e luzentes. Dir-se-ia, ao vel-os, tão brilhantes, que a possuidora d'aquelles diamantes pretos evaporava, sob a influencia do ardor dos olhares, lagrimas que nem ás palpebras chegavam. Acariciava-os, ora a *morbidez* de uns olhos de veneziana, ora flamejava-lhe nas orbitas a ardentia do olhar.

Não se podia affirmar que os olhos de Carmen falassem nem que lhe denunciassem o character. Quando muito, ao ver a tristeza e a alegria que em diversos momentos accusavam, dir-se-ia que o organismo d'essa mulher soffria successivamente a impressão do mundo exterior, segundo as phases do olhar. Se o fulgor se eclipsava, ahi estavam a tristeza e a languidez; se se illuminavam os dous globos, negros como onyx, lampejava a alegria.

A moça bem o dissera: «sou incomprehensivel».

Participava do meneio do corpo, pausado, como que meditado, e a um tempo, convulsionava-se, corria vertiginosamente com estrepido aterrador.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

## PRIMAVERA

Ah! quem nos dera que isto, como outr'ora.  
Inda nos commovesse! Ah! quem nos dera  
Que, inda juntos, pudessemos agora  
Ver o desabrochar da primavera!

Sahiamos com os passaros e a aurora...  
E, no chão, sobre os troncos cheios de hera,  
Sentavas-te e dizias, de hora em hora:  
« Beijemo-nos! amemo-nos! espera! »

E esse corpo de rosa rescendia,  
E aos meus beijos de fogo desmaiava,  
Alquebrado de amor e de cansaço;

A alma da terra gorgeliava e ria;  
Nascia a primavera; e eu te levava,  
Primavera de carne, pelo braço....

OLAVO BILAC.

## THEATROS

« Depois da Gabbi havemos de ouvir isto? » tal foi a phrase que ouvimos a um dilettante ao entrar, terça-feira passada, no jardim do Polytheama. Parece de justiça responder que, depois da Gabbi, antes isto que outra coisa peor....

E' barato, e, que diabo! a ultima companhia que trabalhou n'aquelle theatro era de cavallos eclowns .. pelo mesmo preço.

Entretanto, o *Trovador* teve, pela companhia lyrica Sonzone, um desempenho muito aceitavel.

O tenor Vilalta no celeberrimo *Madre infelice* deu o não menos celebre *dó*, sendo forçado a repetir-o a instancias do publico. A prima-dona Sully, correcta. O barytono Verdini, um bello artista.... E cá estamos nós a elogial-os, porque, no fim de contas, já temos aturado coisa bem ruim muito quietos, muito convencidos de que Deus Nosso Senhor Jesus Christo estava connosco, e nós tinhamos uma linda opinião em arte!

Todos os artistas deram perfeitamente o seu recado. O publico enchia litteralmente o Polytheama, e applaudio, n'um largo sorvo de comprehensão

musical, toda a velha e dramatica partitura de Verdi. Antes assim.

\*

No Apollo voltou á scêna o *Diabo no moinho*, zarzuela em 2 quadros, de Cuartero e Vigarra, traducção de Figueiredo Coimbra, musica de Raphael Taboada, e estreiarão-se dous bailarinos francezes, M. e Mme. Siane, que não julgamos capazes de levar muita gente á rua do Lavradio.

Exhibio-se no Variedades, com a *Mimi Bilontra*, uma «companhia russa» que aqui esteve ha tempos, dirigida por um dos innumerados filhos do defunto Hermann. Nos outros theatros nenhuma novidade houve.

\*

Falleceu o ex-actor dramatico Florindo Joaquim da Silva, que durante mais de trinta annos, de 1837 a 1868, trabalhou nos theatros do Rio de Janeiro, adquirindo grande popularidade.

Ha vinte e cinco annos Florindo era empregado na Municipalidade.

Dos companheiros de João Caetano só resta agora o sympathico José Luiz, que completou ha dias oitenta annos, e parece disposto a viver mais cincuenta.

X. Y. Z.

A larga parte reservada pelas nossas folhas diarias aos assumptos sportivos, e o numero, relativamente avultado, de revistas, que se publicam nesta capital, especialmente consagradas aos mesmos assumptos, tiravam todo o interesse á nossa secção *Sport*, necessariamente laconica.

Resolvemos, pois, supprimal-a, agradecendo de coração ao nosso gracioso collaborador *Belzebut*, pseudonymo que encobre um dos mais distinctos sportsman fluminenses, a boa vontade e cavalheirismo com que acudio ao nosso convite, e se dispoz a mandar-nos semanalmente a sua bella prosa.

O ALBUM, por enquanto, só é encontrado nos seguintes pontos de venda:

LIVRARIA LOMBAERTS, rua dos Ourives n. 7.

LIVRARIA ENCYCLOPEDICA de Fauchon e Comp., rua do Ouvidor n. 123.

LIVRARIA LACHAUD, rua Nova do Ouvidor ns. 16 e 18.

COMPANHIA PHOTOGRAPHICA BRASILEIRA, rua Gonçalves Dias n. 40.